



HAL
open science

Ambiências e investigação retro-propectiva

Nicolas Tixier, Stella Maris Veiga

► **To cite this version:**

Nicolas Tixier, Stella Maris Veiga. *Ambiências e investigação retro-propectiva*. 5th International Congress On Ambiances. *Sensory Explorations, Ambiances in a Changing World*, International Ambiances Network, Oct 2024, Rio de Janeiro, Brazil. hal-04733116

HAL Id: hal-04733116

<https://hal.science/hal-04733116v1>

Submitted on 11 Oct 2024

HAL is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.

Public Domain

5° CONGRESSO
INTERNACIONAL
SOBRE
AMBIÊNCIAS
5TH INTERNATIONAL CONGRESS ON AMBIANCES

**AMBIANCES AND RETRO-PROSPECTIVE SURVEYS
OR THE FORGOTTEN ECOLOGIES OF THE SOUTHERN GRENOBLE**

**AMBIÊNCIAS E INVESTIGAÇÃO RETRO-PROSPECTIVA
OU AS ECOLOGIAS ESQUECIDAS DO SUL DE GRENOBLE**

Nicolas Tixier

Professor

Univ. Grenoble Alpes, CNRS, ENSAG, AAU_CRESSON, 38000 Grenoble, France

nicolas.tixier@grenoble.archi.fr

Stella Maris Veiga

Tradução do francês para o português

Stellaveiga50@gmail.com

AMBIANCES AND RETRO-PROSPECTIVE SURVEYS OR THE FORGOTTEN ECOLOGIES OF THE SOUTHERN GRENOBLE

AMBIÊNCIAS E INVESTIGAÇÃO RETRO-PROPECTIVA OU AS ECOLOGIAS ESQUECIDAS DO SUL DE GRENOBLE

ABSTRACT

Jean Verlhac Park is located in the very centre of Villeneuve de Grenoble in France. Created by Michel Corajoud in 1972-73 on the site of one former airfield, it features hillocks made with construction rubble and an artificial basin. As marvellous as this park is for its composition, it is emblematic of the recent history of the southern part of the Grenoble region, in which every major change to date has functioned as a kind of conquest of the space that erases almost everything about its previous state. Basing ourselves on this territory, we propose to examine how a retro-prospective survey that is attentive to ambiances can be carried out to reveal and then formulate a narrative of the place. We respond to the challenge posed by the hybridization of different heritage values by sharing representations of this heritage and putting them up for debate. In order to think beyond a solely urban planning perspective, we are led to investigate what exactly the very ecologies of this territory consist of.

KEYWORDS: local ecologies, retro-prospective survey, Grenoble

RESUMO

O parque Jean Verlhac está localizado no coração do bairro Villeneuve de Grenoble (França). Projetado por Michel Corajoud em 1972-73 em um antigo terreno de aviação, é composto por colinas construídas artificialmente graças aos entulhos da construção dos edifícios e por um lago, também artificial. Este parque, embora maravilhoso em sua composição, nos parece emblemático da história esquecida do sul de Grenoble e onde, até hoje, cada grande mudança ocorreu, de certa forma, como uma conquista espacial, fazendo quase tudo desaparecer em relação à situação anterior. Com base neste território, propomo-nos interrogar sobre as formas pelas quais uma pesquisa retro-prospectiva, preocupada com as ambiências, pode ser conduzida para revelar e, em seguida, enunciar um relato do local, a fim de enfrentar o desafio de uma hibridização de diferentes valores patrimoniais, compartilhar representações e debater esse legado. Para sair de um pensamento puramente voltado ao planejamento do espaço, somos levados a questionar o que constitui as próprias ecologias de um tal território.

PALAVRAS-CHAVE: Ambiências, ecologias territoriais, investigação retrospectiva, Grenoble

1. INTRODUÇÃO

O parque Jean Verlhac está localizado no coração de Villeneuve de Grenoble (França). Realizado entre 1972-73 sobre o antigo terreno de aviação Jean Mermoz, assim como nos jardins operários adjacentes, ele é composto por colinas criadas artificialmente com os entulhos da construção dos edifícios e por um reservatório de água de 5.000 m², igualmente artificial. Reservatório que rapidamente foi chamado de lago, devido ao seu tamanho significativo e à possibilidade de uso recreativo. O conjunto forma um espaço de aventura e passeio, ainda hoje é reconhecido pelos moradores e pelos profissionais de urbanismo como um parque de grande qualidade. E, no entanto, seu idealizador Michel Corajoud, menos de 10 anos após a sua criação, revisita assim seu projeto:

« Entre 1970 e 1971, enquanto eu projetava o parque de Villeneuve, em Grenoble, eu estava fascinado pelas paisagens rurais, pelas antigas zonas de campo, onde a demarcação de terras e o trabalho nos campos ainda estavam sujeitos às contingências do lugar. Paisagens magníficas e singulares, porque a geografia local e a geometria aplicada pelo camponês têm, há muito tempo,

uma relação de cumplicidade. A linha regular da lavoura ainda cede lugar aos acidentes e às circunstâncias. Eu queria, portanto, que o projeto do parque transferisse, de uma maneira ou de outra, para esse espaço livre de construções, certos sinais e figuras capazes de testemunhar o apego que tenho, apesar de ser um cidadão há muito tempo, pela minha história ligada ao campo. [...] Para mostrar o que me interessa hoje, devo necessariamente fazer a crítica a esse parque. Eu não renego meu interesse pelo campo, que é sem dúvida o referencial principal de todos os paisagistas latinos; mas considero, no entanto, que a maneira como o transpus para o local de Grenoble se enquadra na criação ex-nihilo, ou seja, em um sistema de projeto que considera o solo onde se instala como uma página em branco. Naquela época, a ideia de novidade prevalecia sobre qualquer outro critério, o que explica por que esse bairro foi chamado de “Villeneuve”. No entanto, esse terreno tinha uma história cujos indícios visíveis (as antigas pistas de um aeroporto, os limites de parcelas de jardins operários, etc.), eu devo reconhecer, foram apagados, em grande parte, pelo meu projeto. Eu sei, hoje, que traí a noção que pretendia defender, a da anterioridade do local, da contingência e da circunstância.»¹

Este parque, embora maravilhoso em sua composição, nos parece emblemático da história esquecida do sul de Grenoble, denominado GrandAlpe, ou seja, a história de um solo que foi uma planície aluvial pantanosa antes de ser drenado e depois irrigado por canais para se tornar uma planície agrícola fértil, e, posteriormente, o local de uma nova urbanidade, emblemática das utopias arquitetônicas e sociais dos anos 70.



Figuras 1 e 2. Lac de Villeneuve. Fonte 1: Jean Pottier, 1974 © Ministère de la Culture, Médiathèque de l'architecture et du patrimoine (MAP), diffusion RMN-GP. Fonte 2: Os filmes de Villeneuve, 2013

¹ Michel Corajoud, *À Propos du Parc de la Villeneuve de Grenoble*, 1980. Inicialmente disponível em seu site na internet, este texto foi publicado posteriormente em *Caravanserail*, revista de BazarUrbain, n°1, primavera 2019. Também pode ser encontrado em versões ligeiramente diferentes em várias publicações sobre Michel Corajoud.

Original em francês : « Entre 1970 et 1971, moment où je dessinais le parc de la VilleNeuve de Grenoble, j'étais fasciné par les paysages ruraux, par les campagnes anciennes où l'arpentage et le travail des champs restent soumis aux contingences d'un pays. Paysages superbes et singuliers parce que la géographie locale et la géométrie rapportée du paysan ont, depuis longtemps, les mêmes rapports complices. Le trait régulier du labour y laisse encore place aux accidents et aux circonstances. Je voulais donc que le projet du parc transfère, d'une manière ou d'une autre, sur cet espace laissé libre de toutes constructions, certains signes et figures capables de témoigner de l'attachement que j'ai, bien que citoyen de longue date, pour mon histoire paysanne. [...] Pour montrer ce qui m'intéresse aujourd'hui, je dois nécessairement faire la critique de ce parc. Je ne renie pas mon intérêt pour la campagne, elle est sans doute le référent majeur de tous les paysagistes latins ; mais je considère cependant que la manière dont je l'ai transposée sur le site de Grenoble, relève de la création ex-nihilo, c'est-à-dire d'un système de projet qui considère le sol où il s'installe comme une page blanche. À cette époque, l'idée de nouveauté l'emportait sur tout autre critère, ce qui explique pourquoi on a nommé ce quartier "la VilleNeuve". Or, ce terrain avait une histoire dont il portait les indices visibles (les anciennes pistes d'un aéroport, les limites de parcelles de jardins ouvriers, etc.) et je dois reconnaître que mon projet a largement contribué à l'effacement de ce réseau de signe. Je sais donc aujourd'hui, que j'ai trahi la notion que je prétendais défendre, celle de l'antériorité du site, de la contingence et de la circonstance ».

Apoiando-nos neste território em que trabalhamos nos últimos 20 anos, tanto em projetos² quanto em pesquisas³, propomos questionar como uma pesquisa retro-prospectiva, atenta também às ambiências, pode ser conduzida para revelar e enunciar uma narrativa do lugar (Amphoux, Tixier, 2017), a fim de enfrentar o desafio de uma hibridação de diferentes valores patrimoniais (valor histórico, valor de uso e valor de renovação)⁴, compartilhar representações e colocar em debate esse legado.

O biólogo e urbanista escocês Patrick Geddes (1854-1932) é, sem dúvida, um dos primeiros a pensar o território dessa maneira. Ele lê as épocas passadas como as futuras nas marcas das organizações físicas, sensíveis e sociais do presente. Para Geddes, os traçados, sejam eles urbanos, naturais, sociais, etc, constituem tanto a história de um lugar e seu modo de descrição quanto seu futuro e seu modo de projeção (Torres Astaburuaga, & al., 2016). Ao aplicar seu princípio de "survey", podemos identificar com clareza, ao longo do tempo de desenvolvimento deste território, três histórias: uma história ambiental, uma história agrícola e uma história arquitetônica e urbana.

2. GRENOBLE SUL, UM HISTÓRIA EM TRÊS DIMENSÕES

Como ocorreu em muitos territórios urbanos, o sul de Grenoble é caracterizado por conquistas espaciais que quase apagaram completamente as características originais dos lugares.



Figura 3: « Plan de Grenoble avec ses nouvelles fortifications », 1660 (document recadré)

O retângulo vermelho mostra o que nós podemos chamar atualmente de Sul de Grenoble com o Drac e seus diferentes braços.

Fonte: Bibliothèque municipale de Grenoble, Cd.556

² No âmbito do coletivo *BazarUrbain*, colaboramos com a equipe Interland / Lacaton-Vassal em 2009-2010 no projeto de renovação da Villeneuve de Grenoble. Depois, em 2024, contribuimos com uma proposta junto ao *Studio Viganò et Particules* para o Edital « Mission d'AMO paysagère, urbaine, architecturale et environnementale pour la 2e phase du projet GrandAlpe, et la finalisation du PRU des Villeneuves de Grenoble et Échirolles », 2024.

³ Para citar a pesquisa mais recente na qual estamos envolvidos: Charles Ambrosino (dir.), Nicolas Tixier et al., **POPSU Transitions: Grenoble XXIe, retrouver les voi(es)x de l'eau**, PACTE / AAU-Cresson, PUCA-METRO, 2023-2026.

⁴ Em seus diferentes trabalhos, Pascal Amphoux propõe três valores a serem reconhecidos e hibridizados para a formação do patrimônio: um valor histórico (dimensão arquitetônica e urbana), um valor de uso (dimensão antropológica) e um valor de renovação (dimensão ecológica). (Amphoux et al., 2013)

A primeira história deste território, a história ambiental, é a de uma planície aluvial. O sul de Grenoble é um verdadeiro cone de despejo para as águas do Drac, um rio torrencial, ao qual se somam, logo acima da planície grenoble, as águas de outros dois rios torrenciais, o Romanche e o Gresse. O Drac, popularmente chamado de Dragão, antes de ter sido contido por diques, é conhecido por ter níveis e vazões muito variáveis, formando numerosos braços que, com suas mudanças, alteravam regularmente a configuração da planície de Grenoble. Esta planície aluvial era, primeiramente, caracterizada pela presença mutável do Drac, por lençóis freáticos próximos à superfície e por pântanos inadequados para a construção de uma cidade e para o desenvolvimento racional da agricultura.

A segunda história deste território, a história agrícola, é aquela do controle e da distribuição das águas, que, após um período de drenagem das áreas alagadas, permitiu subdividir o solo em parcelas cultiváveis.

O sul da metrópole de Grenoble foi, desde o século XVII, um espaço que poderíamos chamar de colonização. Denis Cœur, historiador e especialista em ordenamento territorial e riscos naturais (2008), resumiu este espaço em uma primeira entrevista realizada com ele em outubro de 2023:

« O sul da metrópole de Grenoble possui uma história particular no que diz respeito ao controle das águas. Pode-se falar desse lugar como um verdadeiro espaço de conquista. Por um lado, houve a luta contra as inundações do rio Drac, cujo permanente represamento, a partir do final do século XVII, abriu caminho para a valorização agrícola da planície. Essa valorização foi complementada, por outro lado, pela drenagem e saneamento das áreas alagadas. Esse controle das águas tomou um novo rumo com a criação de uma importante rede de irrigação a partir dos rios Romanche e Drac. De água destrutiva a água benéfica, o espaço foi sendo colonizado e dividido à medida que se avançava. A cidade, por sua vez, não ficou para trás. Os lodos urbanos contribuíram para enriquecer os solos. A agricultura foi a principal beneficiária, mas a partir do início do século XIX. A indústria também começou a se beneficiar desse controle das águas. Essas múltiplas ações de organização e usos do espaço serão objeto de regulamentações específicas. Pelos fluxos de produtos agrícolas e industriais, e pelos fluxos de pessoas, a cidade já estava presente nesses locais, mesmo antes de a urbanização colonizá-los, o que ocorreu na segunda metade do século XX. »⁵

Mais genericamente em toda a planície de Grenoble, as paisagens hídricas continuam sendo amplamente moldadas pelos quadros de engenheiros, industriais e especialistas em energia e, em menor grau, pelas coletividades locais e pelos serviços do Estado, preocupados em controlar os riscos em áreas urbanizadas (Ambrosino, 2022). O Drac e o Isère são rios controlados e canalizados, com um urbanismo que por muito tempo os ignorou; os pequenos rios foram secados ou canalizados sob a cidade, como é o caso do Verderet. Quase nada resta dos sistemas de canais que irrigavam a agricultura e também permitiam a instalação de empresas.

⁵ Original em francês : « Le Sud de la métropole de Grenoble a une histoire particulière de ce point de vue au regard de la maîtrise des eaux. On peut parler à son endroit d'un véritable espace de conquête. D'une part contre les inondations du Drac dont l'endiguement pérenne à partir de la fin du XVIIe siècle ouvre la voie à la valorisation agricole de la plaine. Valorisation complétée, d'autre part, par le drainage et l'assainissement des marais. Cet encadrement des eaux prend une nouvelle tournure avec la création d'un important réseau d'irrigation depuis la Romanche et le Drac. De l'eau destructrice à l'eau bienfaitrice, l'espace est colonisé, loti au fur et à mesure des avancées. La ville déjà n'est pas en reste. Les boues urbaines contribuent à enrichir les sols. L'agriculture est la principale bénéficiaire mais dès le début du XIXe siècle. L'industrie tire aussi bénéfice de cet encadrement des eaux. Ces multiples aménagements et usages feront l'objet de réglementations particulières. Par les flux des produits agricoles et industriels, par les flux des hommes aussi, la ville est déjà présente en ces lieux avant même que l'urbanisation les colonise à son tour au cours de la seconde moitié du XXe siècle. »



Figura 4: Sul Grenoblois. Canaux de irrigação de la Romanche

Fonte : Syndicat du Canal d'Arrosage de la Romanche - Document recadré daté de 1909 (agradecimentos Marc Higgin)

A terceira história deste território, a história arquitetônica e urbana, é a da criação de bairros inteiramente novos que se estabeleceram sobre as terras agrícolas: o *Village Olympique*, a *Villeneuve de Grenoble*, a *Villeneuve d'Échirolles*, assim como, mais recentemente, o bairro *Vigny-Musset* e um conjunto de empresas e escritórios. Embora os projetos urbanos dos bairros do sul, construídos na segunda metade do século XX, representem uma espécie de nova conquista espacial, isso foi facilitado pelo sistema fundiário desenhado pela engenharia hidráulica. Contudo, com o passar do tempo, o vínculo entre a estrutura urbana e sua história ambiental e agrícola tornou-se quase imperceptível. Hoje, é necessário explorar minuciosamente esse território para ainda detectar algumas dessas marcas. Em um filme de 1975 sobre a urbanização das áreas rurais da planície de Grenoble⁶, um horticultor narra o desaparecimento das terras agrícolas, que eram, para a cidade de Grenoble, um incrível "interland nourricier", para usar a expressão de Marc Higgin, colaborador desta pesquisa:

«Eu era proprietário de dois hectares, dois hectares e meio mais ou menos, e a cidade tomou quase metade, por assim dizer. Agora, resta... Resta o que restou. Vendi em troca de apartamentos, e assim consigo passar meus últimos dias com um pouco mais de tranquilidade. Bem, para mim o futuro... está praticamente decidido. Vamos ter que trabalhar com os meios disponíveis, com o terreno que nos resta, enquanto esperamos pela aposentadoria. [...] Nós tínhamos uma grande exploração de horticultura. Íamos ao mercado atacadista em Grenoble. E as coisas iam bem. A maior parte do cultivo praticamente desapareceu, podemos dizer que três quartos se foram. Se eu tivesse que continuar com o meu trabalho, teria sido necessário implementar sistemas de irrigação bastante importantes. Todos os vales que cercavam o cultivo estavam cheios de água naquela época, mas com o saneamento que foi realizado para os esgotos e companhia, todas as fontes que estavam na planície foram absorvidas. E agora estamos praticamente sem água para irrigação.»⁷

⁶ Claude Huhardeaux. (1975). Région Rhône-Alpes entre hier et demain : L'urbanisation des campagnes. Collection INA, 25'.

⁷ Original em francês : « J'étais propriétaire de deux hectares, deux hectares et demi environ et la ville en a accaparé une moitié pour ainsi dire. Alors maintenant, il reste... Il reste ce qu'il reste. J'ai vendu contre des appartements et comme ça, ça me permet de finir mes jours un peu tranquilles. Ben, pour moi l'avenir... il est pratiquement choisi. Il va falloir travailler avec les moyens de bord, avec le terrain qui nous reste, en



Figura 5. Hortas ainda presentes em frente às primeiras habitações do bairro da Villeneuve.

Fotograma do filme "Région Rhône-Alpes entre hier et demain : L'urbanisation des campagnes" de Claude Huhardeaux, 1975, 25'

Construída na década de 1970 pelo Atelier d'Urbanisme et d'Architecture (AUA), a Villeneuve de Grenoble tem, indiscutivelmente, uma dimensão utópica, tanto do ponto de vista arquitetônico e espacial quanto do ponto de vista sociopolítico. O progressismo, o humanismo e a utopia desempenharam um papel crucial na concepção deste bairro de Grenoble. A inovação traduz o desejo de um nível de vida melhor, uma diversidade de usos e populações (em termos de nível sociocultural e de origem cultural), os valores de um Estado de bem-estar social e uma forma particular de democracia participativa. A integração de comércio e serviços foi (ou melhor, era) muito mais avançada do que em projetos vanguardistas anteriores. Essa mistura de atividades e funções, por sua vez, está sujeita a uma disciplina geométrica geral: formas hexagonais com algumas "ilhas externas" ligadas ao corpo principal por galerias.

Além disso, o projeto se insere em uma crítica à "rua tradicional", associada a condições de pobreza, barulho, falta de luz e à presença invasora do carro. Além dos incômodos da rua, o modelo espacial da Villeneuve responde à questão da expansão da cidade, propondo uma maneira de estruturar um habitat denso em um ambiente "imerso" em vegetação. A Villeneuve rompe com a forma esquemática das "torres inseridas na natureza" de Le Corbusier e de outros arquitetos, ao mesmo tempo que se distancia da oposição entre cidade e campo. O espaço verde que circunda os edifícios é, aqui, um espaço projetado, "socializado". Como toda experimentação, a Villeneuve não cumpriu todas as suas promessas; no entanto, será que o objeto patrimonial, fixo e preso ao passado, é o único legado possível dessa utopia? Recém concluído, sempre questionado e já em processo de desmonte, o projeto ainda hoje suscita reflexões (Caravanserail, 2020).

attendant la retraite. [...] On faisait la grande exploitation de la culture maraîchère. On allait au marché de gros à Grenoble. Et ça se passait pas mal. La culture a pratiquement disparu les trois quarts, on peut dire. Et s'il a fallu que je continue mon métier, il aurait fallu faire des systèmes d'arrosage assez important. Tous les fossés qui entouraient la culture, là, étaient plein d'eau à l'époque, puis avec les assainissements qui se sont créés pour les égouts et compagnie, ça absorbait toutes les sources qui se trouvaient dans la plaine. Et on est privés d'eau, pratiquement privés d'eau pour l'arrosage ».



Figura 6. Villeneuve de Grenoble, Parc Jean Verlhac em construção no início dos anos 70
Foto: Honoré Paris (agradecimentos Marion Paris)

Este bairro, portanto, foi construído à custa do apagamento das marcas do passado, um quase destruição de tudo o que constituía as ecologias locais, especialmente o sistema hidrológico e hidráulico. A história do parque Jean Verlhac é o próprio paradigma desse apagamento, através da criação de colinas e de um lago artificial, mas também, literalmente, pela criação de um novo terreno, por meio de aterro. Para toda a Villeneuve de Grenoble, o solo teria até mesmo sido elevado em mais de 1 metro para se afastar dos lençóis freáticos, proteger-se da umidade excessiva no dia a dia e estar acima do nível da inundação centenária⁸. Mais de 50 anos depois, operação após operação, toda essa área tornou-se hoje uma "edge city com fragmentos de utopia", como recentemente nomeou a urbanista Paola Viganò.

3. UMA INVESTIGAÇÃO RÉTRO-PROSPECTIVE

No momento em que a MetrÓpole de Grenoble repensa o futuro deste território (projeto GrandAlpe), pareceu-nos interessante revisitar essas três histórias e confrontá-las com os desafios sociais, ecológicos e climáticos contemporâneos. Para isso, temos investigado, há alguns anos, uma pequena arqueologia deste território e de seus projetos por meio, por um lado, de pesquisa em arquivos e, por outro, de uma apreensão *in situ* do existente e de seus relatos, mobilizando, em particular, ferramentas da pesquisa urbana oriundas dos estudos sobre as ambiências, como os itinerários e os transectos. O método dos itinerários (Petiteau, Renoux, 2018) consiste em seguir aquele que nos guia pelo corpo e pela fala em um território que ele inventa e constrói por meio da representação de sua narrativa. Ao longo dos últimos 20 anos, realizamos vários itinerários com os atores deste bairro (projetistas, planejadores, habitantes — incluindo alguns dos primeiros moradores). O uso do transecto (Tixier, 2018) para este setor é mais recente e, em parte, ainda está em andamento. Ele visa explorar o local segundo linhas e temas específicos para documentá-

⁸ Segundo um dos arquitetos da operação, Claude Fourmy, com quem conversamos (Caravanserail 2020). Confira o vídeo testemunhal de uma jornada que organizamos em 2010 entre alguns dos antigos projetistas da Villeneuve de Grenoble e os novos projetistas contratados: [Villeneuve de Grenoble rétroprospective vídeo 2010] (<https://www.bazarurbain.com/2294/villeneuve-de-grenoble-retroprospective-video-2010/>) (realização Marie-Christine Couic / BazarUrbain).

lo e questionar suas qualidades atuais, os legados possíveis e os potenciais latentes. Além disso, busca documentar suas ambiências e o que constitui suas urbanidades, mais uma vez segundo três modalidades: o que foram, o que são e o que poderiam ser.

É importante destacar que este trabalho de investigação não é feito de forma isolada. Ao longo dos anos, ele se compõe de um coletivo de pesquisadores (pesquisadores, doutorandos, estudantes, videomakers, etc., além de moradores⁹) que, com o material coletado, produz narrativas e as divulga de várias formas (artigos, filmes¹⁰, rádio¹¹, exposições, etc.). Esta investigação não se baseia em um corpus pré-estabelecido nem em uma questão claramente posta, mas sim em uma vontade de revelar novos conhecimentos sobre o território, conhecimentos que poderiam ser potencialmente mobilizáveis para qualquer projeto.

Essa pesquisa é realizada em movimento (James, 1909), por um conhecimento que se constrói progressivamente por meio de circulações e jogos de correspondências entre os elementos descobertos, formando, *in fine*, narrativas que se acrescentam às narrativas atuais e que visam orientar o olhar e permitir formas alternativas de perceber o que nos rodeia. Se desejamos designar este tipo pesquisa pelo qualificativo de "retro-prospectiva" é porque queremos inscrever esse conhecimento dentro de uma lógica narrativa assim como projetual, escolhendo voluntariamente legados que tentamos destacar e ousando a escrita de futuros possíveis.

Ao empregar os tempos e as possibilidades de uma pesquisa-coleta¹² para pensar um território, onde os arquivos dialogam com os levantamentos, e onde as entrevistas, entre elas, constroem uma dialética com uma parte sensível e imaginativa, nos afastamos da análise descolada de qualquer ação, para, ao contrário, esperar que esse material tornado público contribua para o motor da ação social. Para nós, trata-se de questionar os territórios e sua construção pelas ambiências, criticando o habitual binômio análise/projeto, onde cada termo subjuga o outro. Trata-se, na verdade, de desenvolver narrativas retro-prospectivas, extraindo tanto do existente e do passado quanto do futuro, por meio do projeto e do debate sobre os futuros possíveis de qualquer situação habitada. Essa orientação pragmática permite abordagens referenciadas no lugar, multi-atores e participativas. Ela também orienta para métodos de trabalho um pouco diferentes das análises urbanas habituais, pois envolve tanto a prática dos lugares quanto a investigação

⁹ Sobre a figura do morador como investigador, remeto à belíssima tese de Maïlys Toussaint (2023), na qual ela mostra que a investigação é uma prática comum no ato de habitar no seio de um bairro em processo renovação urbana.

¹⁰ Entre 1972 e 1976, os moradores de La Villeneuve tentaram produzir uma representação original de sua vida com os meios audiovisuais disponíveis na época. Apoiados pela prefeitura e orientados por uma equipe de profissionais de imagem ou de ação cultural e educativa, eles aproveitaram uma medida excepcional que suspendia o monopólio da ORTF sobre a televisão para produzir e transmitir, semanalmente em seu bairro, reportagens, programas de variedades e debates. Essa experiência, que recebeu o nome de Vidéogazette, é única e pioneira na França. Ela chegou ao fim em 1976. Hoje, outras estruturas locais continuam filmando no bairro, envolvendo moradores, especialmente La Maison de l'Image e Les Films de la Villeneuve.

¹¹ Cf. por exemplo, as duas jornadas de mesas-redondas de rádio, debates e projeções públicas organizadas no âmbito da 1ª Bienal de Arquitetura de Lyon (2017) intitulada " Héritage / Fiction – La Villeneuve de Grenoble – Rétro-Prospective ". <https://www.bazarurbain.com/2260/heritage-fiction-la-villeneuve-de-grenoble-retro-prospective>

¹² O termo é emprestado das práticas museológicas etnográficas, que designam um dispositivo de pesquisa utilizado para observar um fato social enquanto se coletam testemunhos materiais e imateriais: fotografias, depoimentos escritos, entrevistas filmadas, objetos, etc.

de campo, além de interações com atores e arquivos, e, por abdução, da escrita ficcional com busca por formas e formatos para reconhecer e colocar em debate o que se quer testemunhar e, assim, se tornar defensores de uma dimensão prospectiva.

4. NA BUSCA DAS ECOLOGIAS METROPOLITANAS

Ao ampliar o perímetro do território dos bairros Villeneuves para todo o sul de Grenoble com o projeto GrandAlpe e para ir além de um pensamento exclusivamente urbanístico em andamento, nós somos levados a questionar no que se constituem as próprias ecologias de um tal território (Tixier, 2024). De forma semelhante ao que Reyner Banham nos convidou a fazer, ao percorrer Los Angeles segundo quatro “ecologias” para evidenciar uma leitura retro-prospectiva da cidade do extremo (Banham, 1971). Não buscamos comparar nossa cidade com a “cidade dos anjos”, mas sim aplicar uma abordagem semelhante para investigar a metrópole alpina.

Para isso, propomos a hipótese de que essas ecologias se manifestam através de traçados, arquiteturas, dispositivos construídos e políticas territoriais, bem como por uma dimensão sensível nas culturas, percepções e ações dos habitantes. Hoje, o sul da aglomeração de Grenoble parece ter esquecido sucessivamente as ecologias que o constituíram: um território de água, um *interland* alimentador, um espaço de utopia social e uma cidade aberta onde se podia recomeçar a vida.¹³

A aposta para este território não está, sem dúvida, em um novo projeto urbano que, por sua vez, como uma bela utopia, resolveria todos os problemas. Também não está na manutenção da situação atual. Nenhum território destinado a habitar pode permanecer paralisado, sem possibilidade de transformação. Em vez disso, levantamos a hipótese de que é ao reencontrar essas ecologias, por meio de uma investigação sensível, pluridisciplinar e participativa, em diálogo com os projetos em todas as escalas, que este território pode reencontrar uma narrativa compartilhada, com heranças a serem preservadas, transições a serem realizadas e bifurcações a serem decididas, como Patrick Geddes defendia há mais de 120 anos, apoiando-se nas marcas das organizações físicas, sensíveis e sociais. Pela importância que dá ao sensível, ao que compõe o cotidiano de cada um, e pela sua natureza interdisciplinar e multi-escalar, a abordagem pelas ambiências, com um olhar retro-prospectivo, nos parece capaz de revelar, compartilhar e projetar essas ecologias.

Postscriptum: atualmente, o lago da Villeneuve continua proibido para banho tanto por razões sanitárias quanto de segurança. No entanto, isso não impede que muitas pessoas, especialmente crianças, se refresquem nele durante o verão. A cidade de Grenoble tem, há alguns anos, o projeto de torná-lo próprio para banho. Mas enfrenta um duplo problema: oferecer um espaço aberto quando ele está sem vigilância, apesar de ter a responsabilidade sobre o local, e controlar a qualidade da água e a economia desse recurso. A solução natural, que consiste em captar água do lençol freático localizado a poucos metros sob o parque Jean Verlhac, está comprometida pelos efluentes poluídos da fábrica Arkema, localizada em Jarrie, a poucos quilômetros ao sul de Grenoble.

¹³ «a Villeneuve era um pouco como uma cidade aberta, um lugar onde se podia recomeçar a vida». Trecho de uma entrevista, caminhando pelo bairro, com Jean-François Augoyard, filósofo e urbanista. Ele foi um dos primeiros moradores da Villeneuve. A entrevista completa está disponível no Caravanserail, nº 2 (2023).



Figura 7. O lago de Villeneuve. Fonte: *Guy Moquet*, um film de Demis Herenger, 2014. © Les Films de la Villeneuve

5. AGRADECIMENTOS

Esta pesquisa em andamento contou com ricas trocas com Paola Viganò, Marc Higgin, Denis Cœur, Naïm Aït Sidhoum, Charles Ambrosino, Lou Bellegarde e Fabienne Boudon. Foi iniciada no âmbito do projeto ANR Sensiblia, dirigido por Olivier Labussière, Suzel Balez e Jean-Paul Thibaud, e continua no âmbito da pesquisa POPSU Transitions, sob a direção de Charles Ambrosino.

6. BIBLIOGRAFIA

Ambrosino, C. (2022). La métropole géographique et ses urbanismes : Grenoble ou l'art (oublié) d'habiter la plaine. Cahiers POPSU - PUCA.

Amphoux, P., Hüsler, C., Malfroy, S. (2013). Lausanne, Nouveau Plan Directeur Communal, Volet Patrimoine urbain, bâti et végétal. Direction des Travaux, Ville de Lausanne. 2 tomes.

Amphoux, P., Tixier, N. (2017). Paroles données, paroles rendues. La marche collective comme écriture du projet urbain. Europe, revue littéraire mensuelle, n°1055, 196-215.

Banham, R. (1971). Los Angeles: The Architecture of Four Ecologies, Harper and Row, 1971.

Cœur, D., (2008). La plaine de Grenoble face aux inondations. Genèse d'une politique publique du XVIIe au XXe siècle. Quare.

Collectif. (2020, 2023). Caravanserail. 1,2. BazarUrbain.

James, W. (1998, 1st Ed. 1909). La signification de la vérité, Antipodes.

Petiteau, J.-Y., Renoux, B. (2018). L'expérience des itinéraires. Dockers à Nantes, ESAAA-ENSAN.

Toussaint, M. (2023). Habituation aux ambiances de la rénovation urbaine : partage de l'expérience quotidienne à la Villeneuve de Grenoble. Thèse de doctorat. Université Grenoble Alpes.

Tixier, N. (2016), Le transect urbain. Pour une écriture corrélée des ambiances et de l'environnement. In Sabine Barles, S., Blanc, N. (dir.). Écologies urbaines. Sur le terrain. Economica-Anthropos.

Tixier, N. (2024). Carnets de villes – Grenoble. Métropolitiques. <https://metropolitiques.eu/Carnets-de-villes-Grenoble.html>. DOI : <https://doi.org/10.56698/metropolitiques.2034>

Torres Astaburuaga, A., Chaudier, E., Tixier, N. (2016). Mémoire du futur, from old roots to new shoots. *Patrick Geddes in India (1914-1924)*. Espaces & sociétés. 167, 99-119. <https://doi.org/10.3917/esp.167.0099>